



P o r t f ó l i o

M a y S o l i m a r

Design | Artes Digitais | Ilustrações | Quadrinhos



Olá, eu sou a
May! ;)

Mulher negra, mãe solo, **publicitária, ilustradora, designer**, autora de textos e poemas com protagonismo negro, esta sou eu.

Toda arte que me transborda, nasce da minha corporeidade, do meu lugar no mundo, das minhas vivências e anseios.

Uma **ARTEvista negra**, que constrói narrativas para tocar as pessoas e promover uma cultura antirracista, diversa, plural, e com amor.

Uma **COMUNICADORA** ativa, a fim de construir diálogos eficientes e criativos com o público através de **designs modernos e inovadores.**

Artes e Histórias em Quadrinhos

Narrativas em quadrinhos/tirinhas facilitam o entendimento e a empatia sobre os mais diversos assuntos, fazendo com que as pessoas reflitam sobre temas em que talvez um texto longo não as estimulasse tanto.

Ilustrações que contam histórias são um formato mais democrático de transmitir mensagens, pois seu princípio é uma comunicação acessível, em que o receptor do que foi mostrado, seja qual for seu nível de instrução ou aprendizagem, que poderá interpretar e pensar no assunto retratado.

Entendo artes e histórias em quadrinhos como uma ferramenta poderosa para despertar a empatia de quem as lê, e por este motivo, costumo retratar em minhas histórias situações que podem ser cotidianas para algumas pessoas, mas nem tanto para outras, com o intuito de ajudar na compreensão da realidade do próximo, para promover um gesto de acolhimento das vivências e dores alheias.





Confira algumas de
minhas tirinhas:

Histórias em Quadrinhos

Trabalho no G20 BRASIL



G20 em quadrinhos

Assuntos como clima, sustentabilidade, emprego, economia global e combate às desigualdades, a fome e a pobreza estão no centro dos debates globais e também podem ser abordados de maneira simples e divertida. Essa é a proposta do G20 em Quadrinhos, uma parceria com a May Solimar, publicitária, designer, ilustradora e quadrinista. As tirinhas de May relatam cenas do cotidiano na perspectiva de uma mãe negra que vive em São Paulo, a maior metrópole do Brasil, e alertam para questões como desigualdades sociais, raciais e de gênero, combate às mudanças climáticas e defesa dos direitos humanos, temas prioritários da presidência brasileira do G20.



Confira todas as tirinhas em:

<https://g20.gov.br/pt-br/noticias/g20-em-quadrinhos>

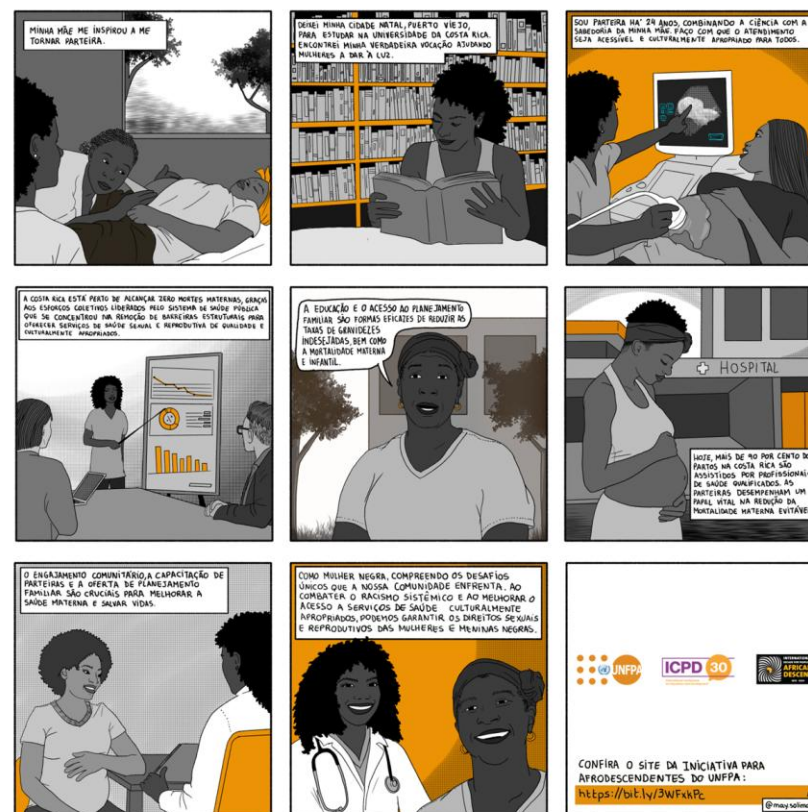

Histórias em Quadrinhos

Trabalho na UNFPA (ONU)

International Day for People of African Descent

unfpa.org/events/international-day-people-african-descent

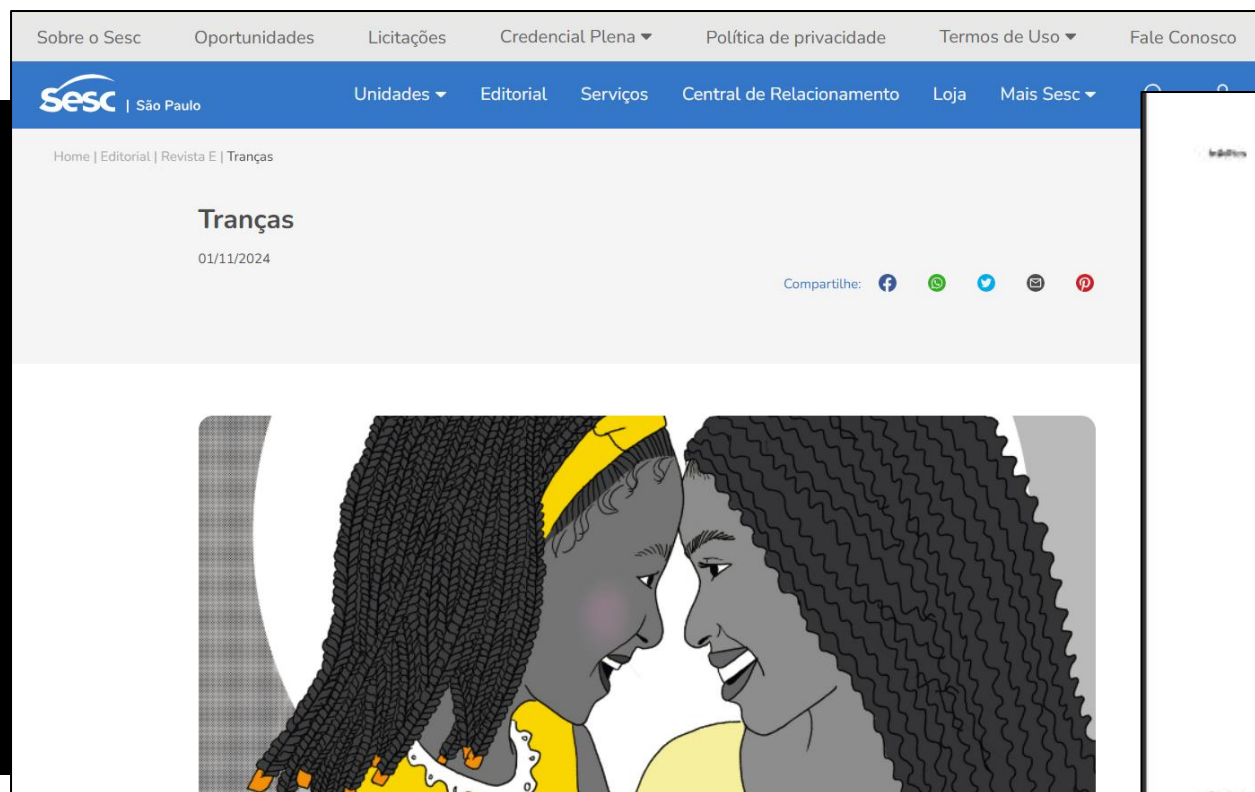
To spotlight these key events, UNFPA has collaborated with [May Solimar](#), an Afro-Brazilian designer, illustrator and comic artist, to create a series of impactful comic stories, highlighting the important work of people of African descent – such as [midwife Siannie Palmer, who has supported expectant mothers for decades in Costa Rica](#) – as well as illustrating the ongoing issues that Afrodescendants face. You can see the comics on [UNFPA's social media channels](#) starting on the international day on 31 August.



Confira este trabalho em : <https://www.unfpa.org/events/international-day-people-african-descent>

Histórias em Quadrinhos

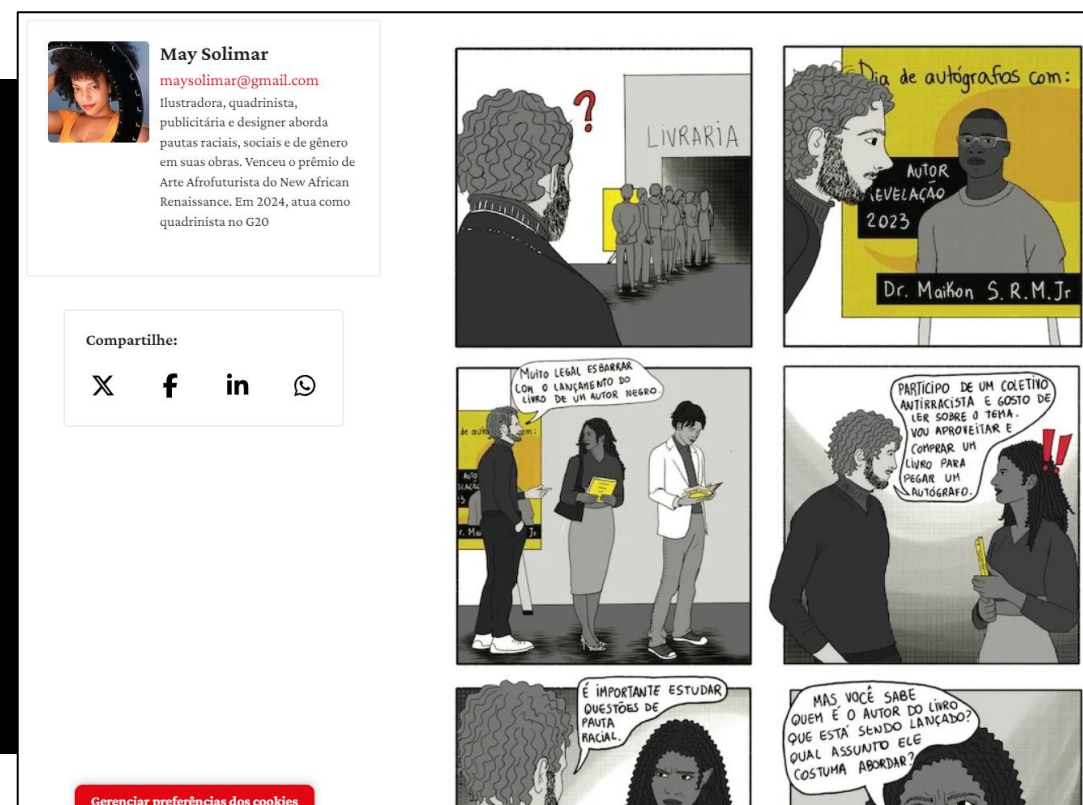
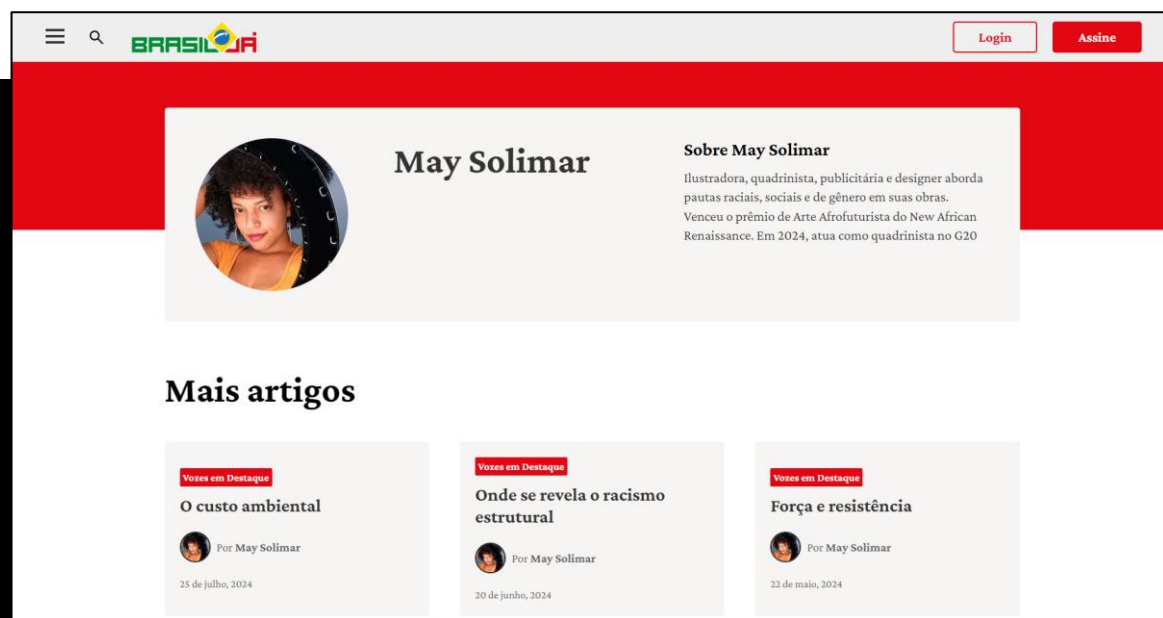
Trabalho na Revista E (SESC)



Confira todas a HQ completa em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/trancas/>

Histórias em Quadrinhos

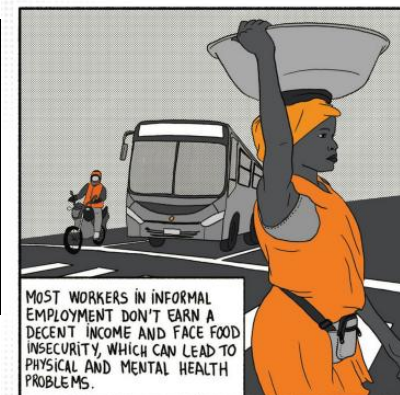
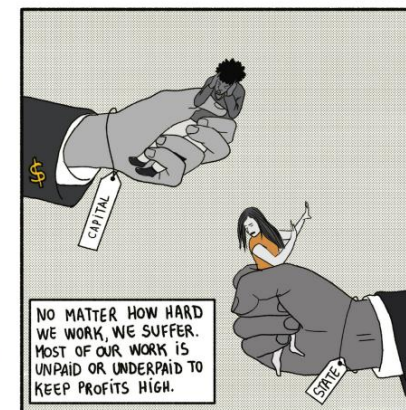
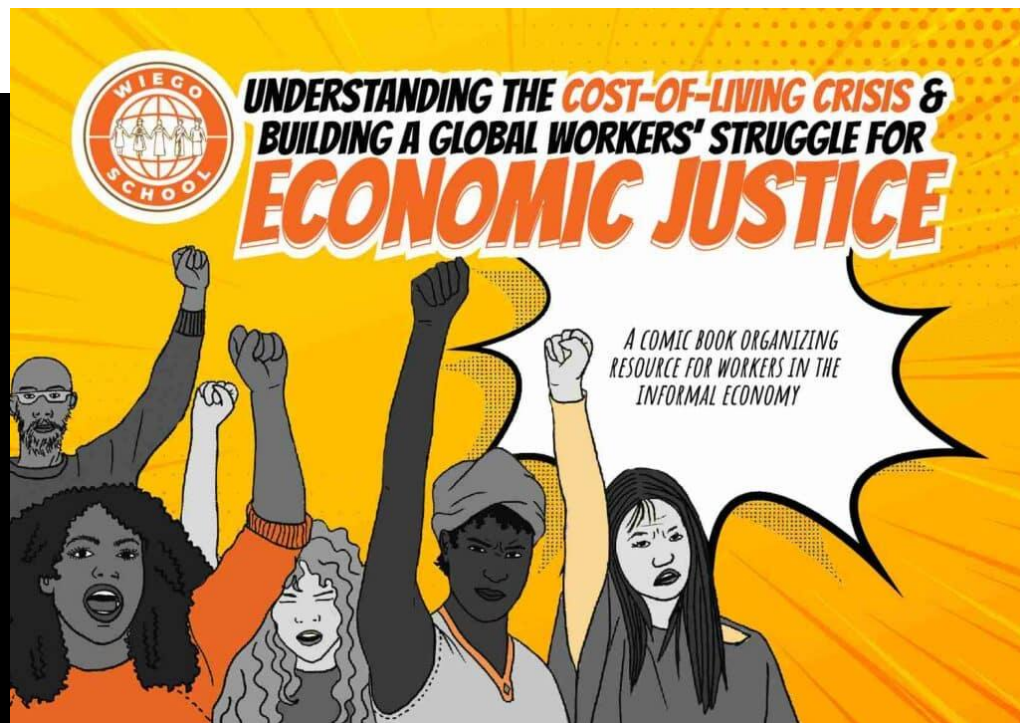
Trabalho na **Revista Brasil Já**



Confira todas as tirinhas em : <https://brasilja.pt/autores/10/may-solimar>

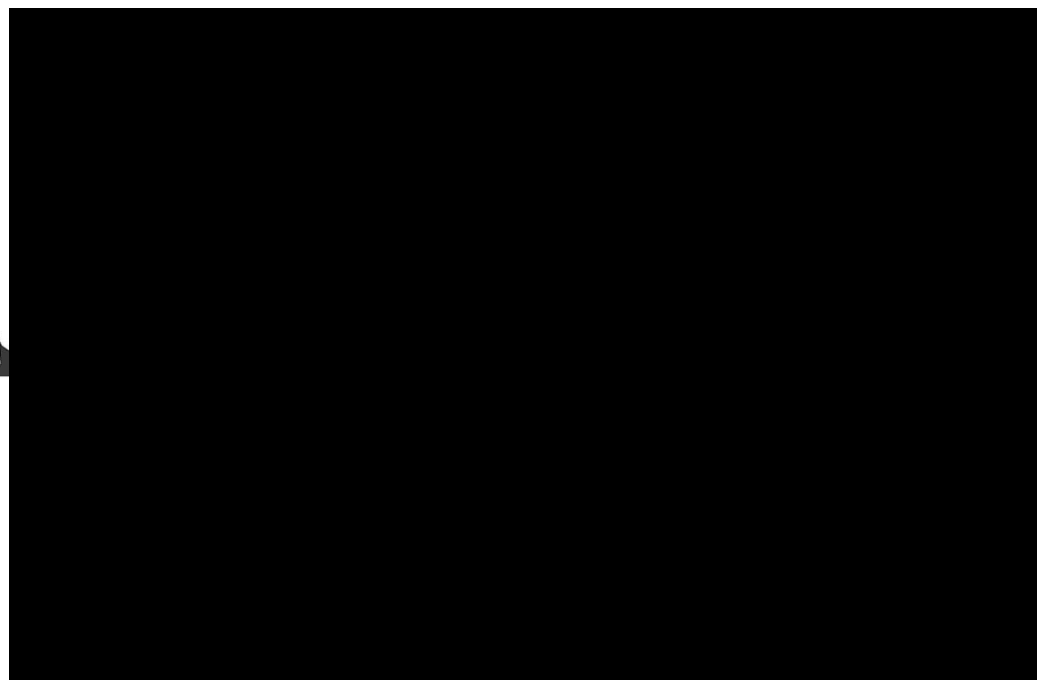
Histórias em Quadrinhos

Trabalho na **WIEGO**



Confira todas as tirinhas em : <https://www.wiego.org/advocacy-worker-education-resources/cost-of-living-crisis-workers-economic-justice-comic/>

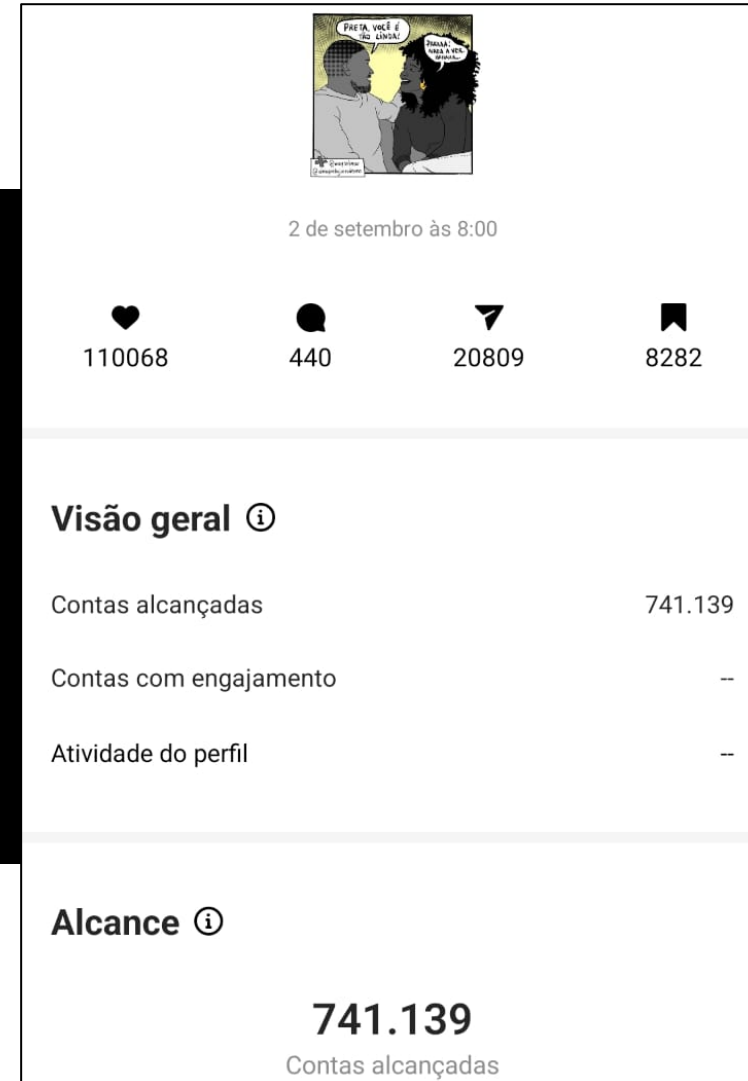
Trabalho no Alma Preta Jornalismo



Histórias em Quadrinhos



+ @may.solimar
@almapretajornalismo



Engajamento
↑
orgânico

Histórias em Quadrinhos



Publicado em maio 6 a 11:01

19791 201 1713 1099

Visão geral ⓘ

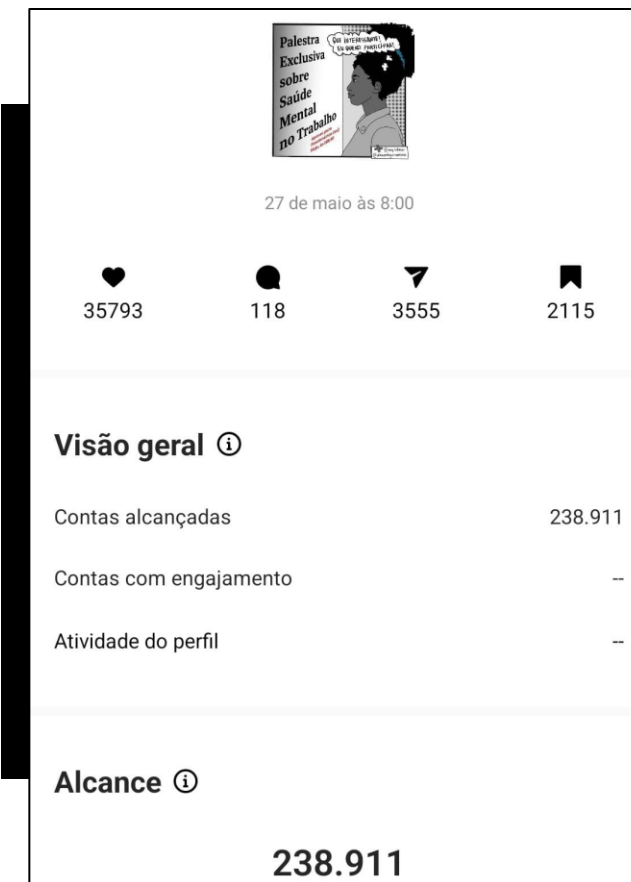
Alcance	89.472
Interações com o conteúdo	22.804
Atividade do perfil	829
Meta do anúncio	
Visitas ao perfil	51
Do último anúncio	

Alcance ⓘ

89.472

engajamento

Histórias em Quadrinhos



Histórias em Quadrinhos



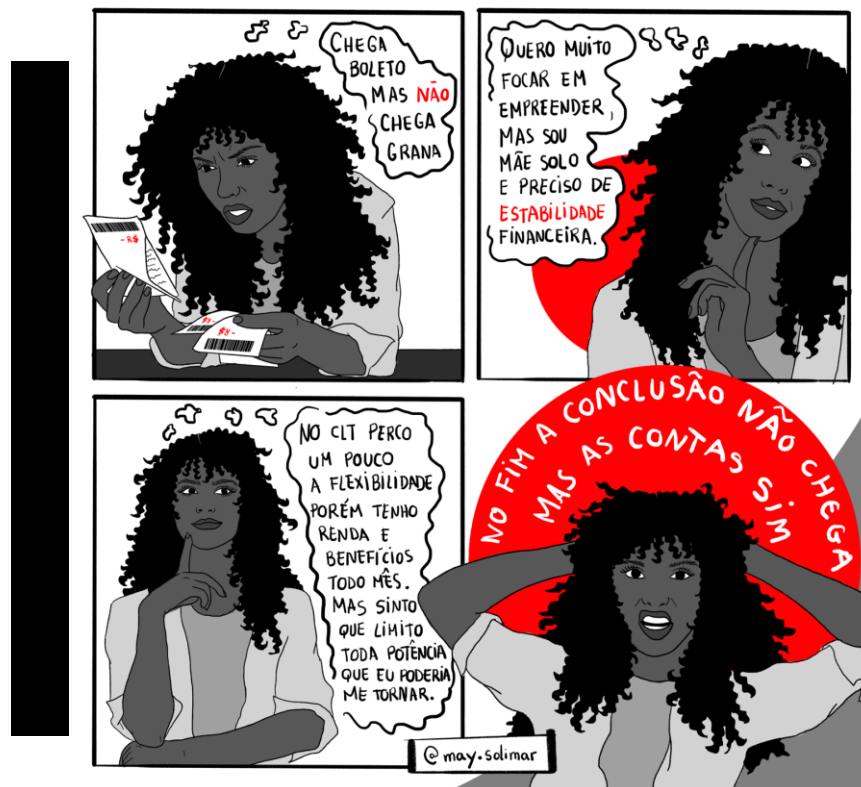
@may.solimar



@may.solimar



Histórias em Quadrinhos



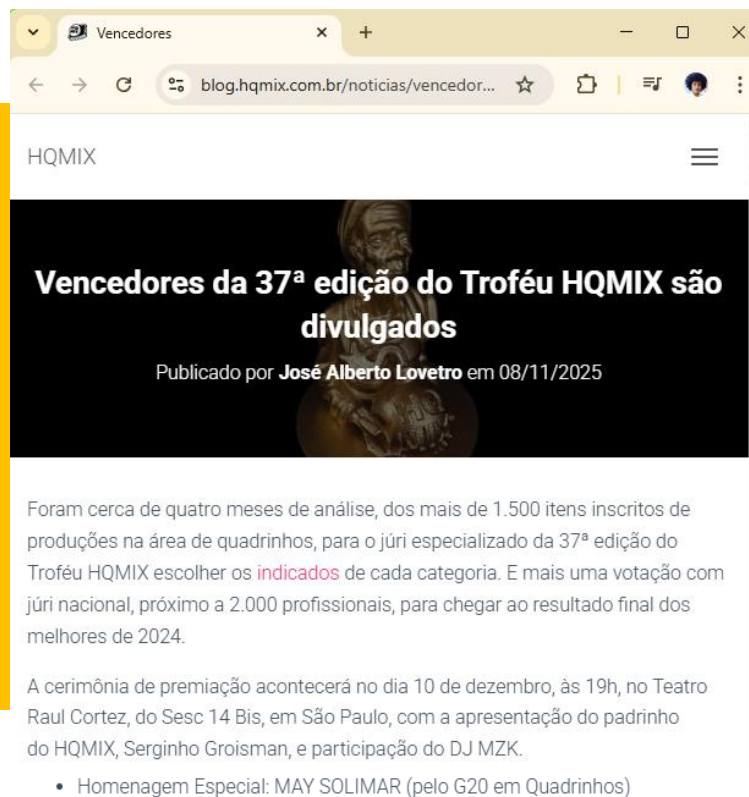
Histórias em Quadrinhos

Premiação:



Confira a matéria completa em:

<https://jornalempoderado.com.br/quadrinista-may-solimar-ganha-premio-na-37a-hq-mix/>



Confira a lista de premiados em:

<https://blog.hqmix.com.br/noticias/vencedores-37-trofeu-hqmix/>

D e s i g n

Uma mensagem comunicada com um bom design se torna inesquecível, e por esse motivo amo tanto trabalhar com isso.

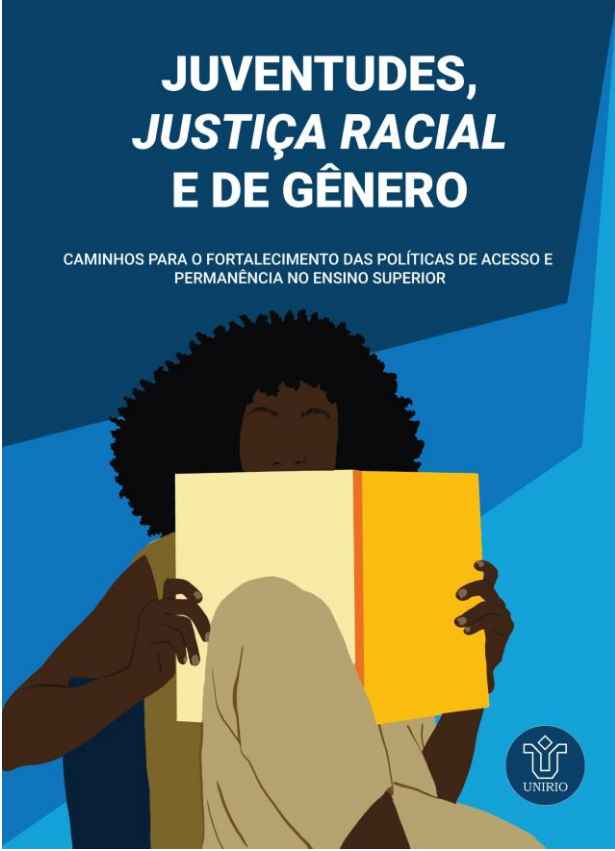
Sou formada em publicidade e design da comunicação, duas áreas que caminham juntas e nos faz entender a importância de se passar informações da forma correta para cada público, analisando a intenção de comunicação de cada empresa ou instituição, para um retorno esperado.

A primeira coisa que uma pessoa olha quando recebe uma mensagem visual, é em como ela se apresenta, e isso pode fazer com que ela simpatize de cara com a marca.

Quando trabalho com o design para uma pessoa física, ou jurídica, procuro entender muito bem o quais os objetivos dela com aquela comunicação, para que assim possa entregar o melhor trabalho possível.

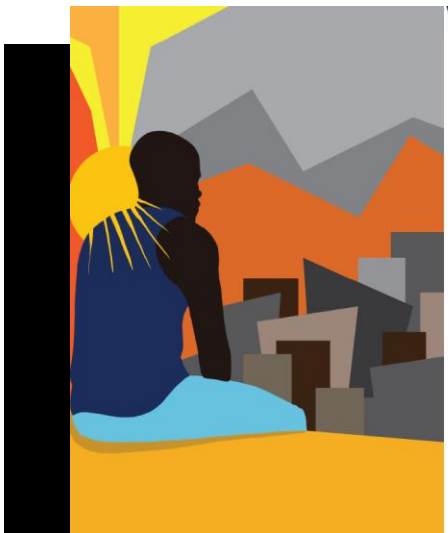
Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustração

Clientes:
Oxfam e UNIRIO



JUVENTUDES,
JUSTIÇA RACIAL
E DE GÊNERO

CAMINHOS PARA O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS DE ACESSO E
PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR



2. Universidade e territorialidade: conexões entre ambiente, gênero e raça

Bílgnera Pinheiro, Celso Sanchez, Gabriela Abreu e Renato Almeida

Diogenes Pinheiro - O território sempre foi uma variável-chave na composição da desigualdade social no Brasil. Historicamente, a oposição entre a periferia industrial e o lugar de subalternidade do Brasil na comunidade mundial, quando o país era classificado como terceiro mundo ou subdesenvolvido. Atualmente, mesmo entre os dez países mais ricos do mundo, não atingimos um nível de desenvolvimento sustentável como demonstram alguns indicadores democráticos. Nossa jovem democracia ainda é marcada por preconceito e expectativa para países vizinhos e parceiros em relações internacionais. As grandes desigualdades regionais sempre mostraram a territorialidade da desigualdade. Mesmo assim, naturalmente o resultado de um cenário em que o projeto de desenvolvimento de um novo modelo político e social.

A exploração produtiva de recursos naturais pelo complexo agro-industrial, seu resultado em movimentos violentos, como os ocorridos em Manaus e Brumadinho (Mina Gerais). Além de mudanças climáticas, como temperaturas que desastrosos os movimentos ocupados pela população mais pobre e desassistida pelo Estado, que tentam à toa o debate sobre turismo industrial. Em todo o país, ocorrem atos de propriedade e ataques à base da classe D e pobreza de natureza, o que leva a que o processo da juventude negra não ocorre lugar institucionalmente, mas, sim, nos periferias, favelas e periferias das grandes localidades. No território, os crimes e tensões foram as desigualdades da região, configurando uma expansão muito distinta e desigual no que se vê refletido em variáveis que essas diferenças, que se tornam desvantagens sociais e desvantagens para os indivíduos.

Portanto, a grande realidade, no que se refere à vida universitária, é a maior presença de um grupo popular na universidade, negros, moradores de favelas e periferias, de um grupo familiar no ensino superior, principalmente a partir da implementação de 12.711, de 2012, de Lei de cotas.

Nas duas últimas décadas, a universidade pública se expandiu por meio de projetos e RECTOs. Entretanto, apesar de ter havido alguma universalização, grande parte variável ainda se encontra nas capitais e boa parte dos estudantes vem das periferias, o que resulta em discriminação por natureza e não em uma forma de cotas e que comprometem a experiência de uma universidade mais justa. Em um cenário em que as relações são baseadas em uma lógica de discriminação, uma realidade de que incorpora também os efeitos ocasionais da desigualdade, uma realidade de que não leva, e isso é a base histórica, concessões ou movimentos, organizações sociais nos favelas, periferias e nas universidades pelo país afora, mostrando a política e territorialidade em todos os aspectos: da cultura a outras formas de universidade. Se diz que muito de que há de mais universidade há de periferia para o mundo.

E, já que a gente está falando em território, não podemos deixar de falar de um lugar territorial e referencial no debate mundial, Nilton Santos. Ele, Nilton, tem importância de se pensar em um "território social". Ou seja, de um território que de múltiplos relações econômicas, sociais e culturais que interconectam esse campo onde a vida acontece na sua existência.

Nessa roda de conversa, vamos ouvir a história e conhecer as trajetórias de quem têm atuado sobre esse debate, não por questões técnicas, mas por questões de vida ligada à periferia. Com a palavra, Gabriela Abreu, Renato Souza de Almeida e Sanchez.



4. Justiça racial e de gênero, avanços e obstáculos: o que dizem as pesquisadoras?

Tani Pires, Rosana Hering, Adriano Senkevici, Evelyn Lima e Rosângela Gonçalves da Fonseca

Tani Pires - Para a Oxfam Brasil, é muito importante essa parceria com a Unirio. Com essa Roda de Conversa, que tem como tema "Justiça racial e de gênero, avanços e obstáculos: o que dizem as pesquisadoras", temos o objetivo de falar para as pesquisadoras que foram realizadas também, para as vivências das pesquisadoras. Falar sobre avanços e perspectivas na universidade e falar sobre a desigualdade, e no mesmo tempo, e propor, pensar com um futuro mais justo. Ou seja, não poder de vista a tempo.

O convite é para um compartilhamento de alguns achados de pesquisas e dos desenvolvimentos de questões e desafios. Compreender mais para que possam trazer também a discussão para o presente, porque alguns desafios e questões que precisamos ser vistos para seguirmos nesse debate.

Temos uma primeira geração que está entrando na universidade, inaugurando como um espaço possível de corpos de pessoas negras ocuparem. Mas, para uma grande maioria, ainda como um lugar tão distante, que não entra no seu leque de possibilidades. Às vezes, a gente não tem noção da quantidade de pessoas que tem sobre que existem universidades públicas no Brasil, dada a distância desse espaço. É algo que não conseguimos alcançar, devido à tamanho distância. Para iniciarmos nossa conversa, é importante pensar nos efeitos da Lei de Cotas, porque são dez anos. O que vai acontecer daqui para a frente? Tem muita disputa. Há projetos de lei que buscam dificultar ou reverter. Mas há também resistências, para que a Lei não deixe de servir a um propósito de justiça racial.

Temos expectativa com relação ao novo governo. Sabemos que não vai dar para resolver tudo, mas, naturalmente, podemos esperar uma reestruturação positiva, pois vamos contar com gestores públicos comprometidos com o direito à educação, com o enfrentamento das desigualdades. Estamos aqui para pensar entre futuro imediato. Para tanto, é muito importante saber o que dizem as pesquisadoras. Com a palavra, Adriano Senkevici, Evelyn Lima e Rosângela Hering.

PRIMEIRA RODADA: Rosana, Adriano e Evelyn, para início de conversa, o que vocês podem nos contar sobre motivações, dificuldades e achados das pesquisas que vocês desenvolvem?

Rosana Hering - Muito obrigada pelo convite, aos colegas da Unirio e da Oxfam. Ao longo do segundo semestre de 2023, quando concluímos a pesquisa, não é o único pesquisador de nossa equipe. Temos Rosana e uma data significativa. Dos dez anos da Lei de Cotas, que foi em 2012.

Entramos em um contexto político muito delicado e de muito aumento em relação ao que está acontecendo no Brasil em 2023. Entramos em um cenário pré-eleitoral, de um grande desmonte das políticas educacionais. O projeto Ministério da Educação, com a questão de todo o debate, viveu uma precarização em termos de recursos. Todos os cortes orçamentários que foram feitos afetaram diretamente as universidades. Então, não estivamos pensando, avaliando e refletindo sobre os efeitos da Lei de Cotas em um cenário político de muito incertezas. Hoje é o primeiro evento público de que eu estou participando em 2023, depois das eleições e depois das eleições. Claro que não podemos ser ingênuos e achar que está tudo resolvido, por



3. Diversidade e inclusão: trajetórias entre passado e presente

Barbara Barbosa, André Lázaro, Marlene Ribeiro e Sabrina Santos

Barbara Barbosa - Desta vez, o tema de nossa conversa é diversidade e inclusão, trajetórias entre o passado e o presente. A gente está aqui para discutir a justiça racial e de gênero na universidade a partir da lei de cotas e por que é importante ter nas universidades pessoas negras, pessoas que vêm da periferia, indígenas. São esses corpos não legendados que estão enriquecendo a universidade.

Diversidade e inclusão importam para a transformação, não só da universidade, mas da nossa sociedade, da importância de fazer uma roda de conversa interseccional, com pessoas que vêm de diferentes lugares, de diferentes regiões do país, com trajetórias muito diversas e que viveram a Lei de Cotas e os movimentos sociais no Brasil de formas igualmente muito distintas. A gente está aqui para visibilizar todas as conquistas que vieram por conta das leis, valores, que estavam em luta antes. Reconhecemos e promovemos os movimentos sociais que fizeram com que não estigmas que a realidade e a inserção de políticas públicas para que a gente tenha maior equidade neste país.

Trajetória de cada estudante negro, periférico, indígena que chega à Universidade está associada aos movimentos sociais, coletivos, movimento de bairro, movimento indígena de diferentes tipos. Essas trajetórias chegam à Universidade carregadas de muitos saberes e a universidade deve ser o lugar para esses saberes se conectarem e se expandirem. Nesse roda, contamos com André Lázaro, Marlene Ribeiro e Sabrina Oliveira Santos.

PRIMEIRA RODADA: Vocês podem se apresentar e contar sobre como se aproximaram do tema da diversidade e inclusão?

André Lázaro - Eu sou um homem branco, cis, de sessenta anos, tenho formação universitária em Letras como graduação e pós-graduação em Comunicação. Tive uma sorte por ter participado de maneira bastante próxima e ativa dos debates das políticas afirmativas para acesso à educação superior da população afrodescendente, indígena, da escola pública.

Eu era pré-interno de ensino e cultura da UERJ em 2000, quando a universidade era chamada Nilton Faria, que foi a primeira pessoa negra a ser chamada à UERJ, junto com a UNB e a UNEB, foram as primeiras instituições a criarem uma política com esse perfil, a partir de diferentes dimensões. Foi muito tempo esse debate.

Depois, tive a honra de estar no Ministério da Educação, a partir de 2004 até 2010, no espaço do presidente Lula, trabalhando da parte com o Tarcus Gomes e, posteriormente, com o Fernando Haddad, no momento em que era um debate incipiente. Então, eu acompanhei o Puma e tive alegria de participar da argumentação que, enquanto MEC, levamos ao Supremo Tribunal Federal, em defesa das políticas afirmativas. Essa experiência me abriu os olhos.

Eu, como homem branco, de classe média, tive muita dificuldade de compreender a política de cotas e quero aqui fazer uma homenagem ao movimento social, como foi a professora Nilma Lino Gomes, "o movimento negro educador", que me ajudou para entender o que significa a política afirmativa e o que significa as universidades serem um espaço possível para isso.

A primeira questão muito importante para pensar o passado e o presente desde lá da política de ação afirmativa na educação é reconhecer que essas políticas tiveram o mérito extraordinário de colocar o racismo em cima da mesa. Então, você e conta em a favor que está a argumentação que se mobiliza o negro e o racismo e vir para cima da mesa para ser nomeado, para se falar, para se falar. Isso não quer mais a efetuar uma questão que estava submersa, que estava escondida para não prejudicar a sociedade.

E que parte? A parte dominante, a parte que não reflete o racismo e se acha distante da questão

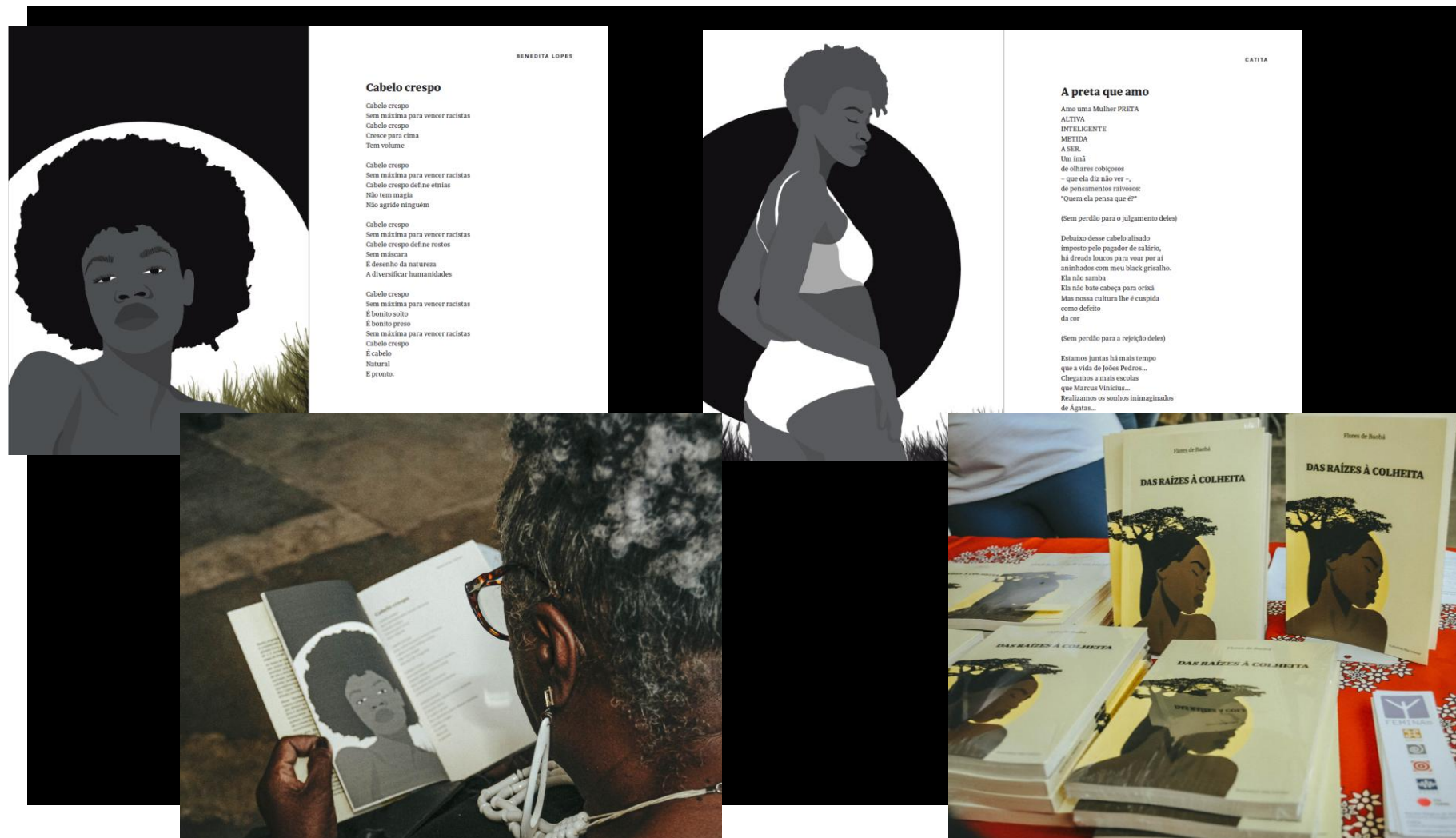
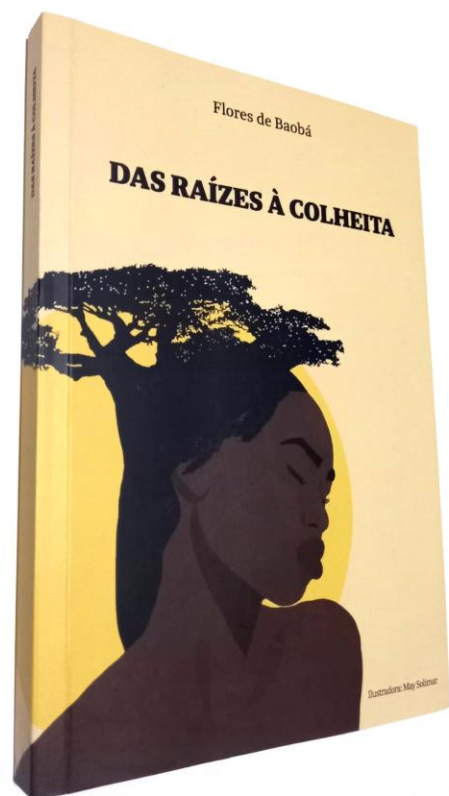
Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustração

Cliente:
Instituto DACOR



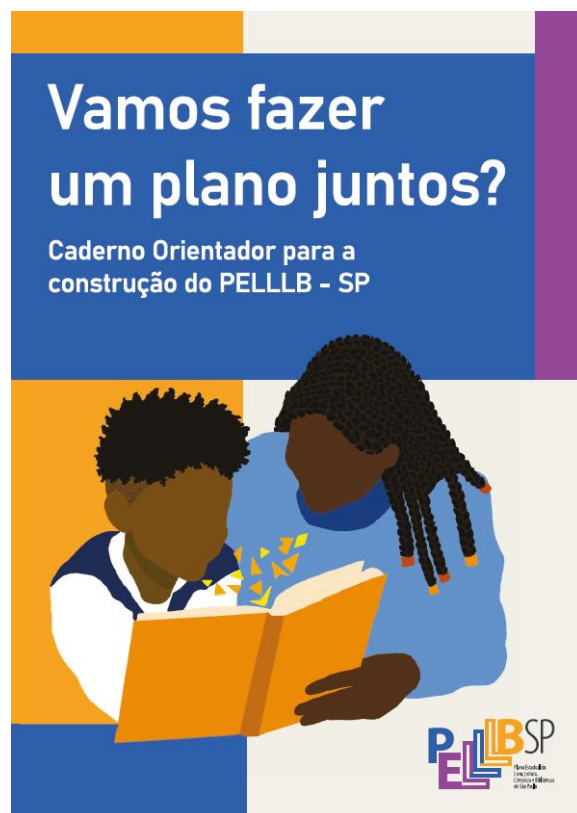
Projeto Gráfico e Ilustração

Cliente:
Editora Feminas



Projeto Gráfico e Ilustração

Cliente:
Ação Educativa



Projeto Gráfico e Ilustrações

Cliente:
Dacor e Instituto Unibanco



O PAPEL E A IMPORTÂNCIA DO/A SECRETÁRIO/A ESCOLAR NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Qual o significado de raça, etnia e autodeclaração?

Raça: Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2004), o conceito de raça está relacionado à ideia de ancestralidade comum e a características físicas semelhantes, como a cor da pele. No entanto, é importante destacar que, nesse contexto, raça não deve ser entendida como um dado biológico, mas como uma construção social e histórica. Embora não existam diferenças biológicas significativas entre os seres humanos, socialmente o termo raça tem sido usado para hierarquizar grupos e justificar desigualdades. No Brasil, por exemplo, pessoas negras (pretas e pardas) ainda enfrentam maiores obstáculos no acesso a direitos e a oportunidades básicas.

Etnia: Está relacionada a aspectos socioculturais, como língua, religião, cultura e território compartilhado. Kabengele Munanga (2004) define etnia como um grupo de pessoas que compartilhe uma ancestralidade comum — histórica ou mítica — e está ligado por práticas culturais semelhantes. Embora o termo seja frequentemente associado a povos indígenas, como o Xavante e o Guarani, também se aplica a grupos africanos (como os Iorubás), europeus (como os eslavos) e de outras origens.

Autodeclaração: É o processo pelo qual a própria pessoa informa, com base em sua percepção e vivência, características como cor ou raça, sem necessidade de comprovação externa.

FIQUE LIGADO!
Raça está associada a características físicas, enquanto etnia está ligada à ancestralidade, língua e cultura.

Por que utilizar o critério cor/raça no Censo Escolar?

O Censo Escolar passou a incluir o critério de cor/raça em 2005, quando o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) começou a coletar esses dados para atender às políticas públicas voltadas à promoção da equidade racial na educação. Essa mudança foi fundamental, pois permitiu cruzar informações sobre raça e etnia com dados como frequência e desempenho dos alunos. Assim, tornou-se possível entender melhor como estudantes negros (pretos e pardos), indígenas, amarelos e brancos estão distribuídos nas escolas. Com essas informações, governos e educadores podem planejar ações mais eficazes para reduzir desigualdades e garantir uma educação mais justa para todos.

CASO

REALIZAÇÃO: Municipal de Fortaleza

Declaração étnico-racial registrada:

Declaração racial no Sistema de

Declaração étnico-raciais definida pelo

Censo Escolar 2024.

- Conscientizar a comunidade escolar sobre a importância da identidade racial.
- Fortalecer políticas públicas de promoção da equidade racial.

Ações realizadas:

- Sensibilização e formação para a comunidade escolar (gestores, professores e demais profissionais) sobre a importância da autodeclaração racial.
- Reuniões com diretores e encontros com pais/responsáveis para esclarecer o processo de declaração.
- Acompanhamento cotidiano do preenchimento dos dados no sistema educacional pelas escolas.
- Elaboração e distribuição de um guia explicativo sobre a importância da autodeclaração racial.
- A partir de 2024, alunos com mais de 16 anos puderam realizar sua própria autodeclaração; menores de idade foram representados pelos responsáveis.

Público-alvo:

- Estudantes da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, especialmente os matriculados no Ensino Fundamental e Ensino Médio.
- Professores, gestores escolares, coordenadores pedagógicos e famílias dos estudantes.

Exemplo de boas práticas:

ETI Hildete Brasil de Sá Cavalcante:

- Formação de comissão antirracista escolar para inscrição no Selo Escola Antirracista.
- Implementação da disciplina eletiva "Africanizando", com foco em práticas antirracistas.
- Criação do projeto **Letra Preta.lab**, promovendo literatura negra.
- Realização da **Feira Africanidades**, como culminância dos projetos desenvolvidos sobre cultura afro-brasileira.

Ilustração de mãos de diferentes cores (branca, amarela, preta) juntando peças de um quebra-cabeça, simbolizando a diversidade e a construção coletiva.

Projeto Gráfico e Ilustração

Cliente:
Escritório de Advocacia



Arte e Diagramação de Capa de Livro

Cliente:
Barraco Editorial



em instituições como o Sesc e em festivais como FLIPEI, MIA, FLUP e FLIMA.

Apresenta o podcast Rabiscos e circula por Sescs, escolas e festivais com oficinas e mediações. Aborda temas como gordofobia, diversidade e narrativas periféricas, sempre buscando espaços de escuta e escrita coletiva.

Já integrou júris dos prêmios Jabuti, Arte como Respiro (Itaú Cultural) e Caminhos. Seus textos foram adotados por universidades, como Universidade de Berlim como bibliografia obrigatória da disciplina de literatura marginal e periférica e livros didáticos.

Defende uma literatura viva, acessível e plural — e acredita nela como lugar de encontro.

Jéssica Balbino

Porca Gorda é uma autoficção urgente, suada, sem pudor — e sem concessões. Neste livro, Jéssica Balbino transforma a experiência de ser uma mulher gorda em literatura de enfrentamento, em que cada palavra escorre com desejo, fúria, escárnio, dor e memória. É uma narrativa que mistura corpo e texto, que escreve com sangue e suor, que transforma insulto em potência e o cotidiano em campo de guerra. Mais do que um livro, é um manifesto íntimo e coletivo que escancara a gordofobia como uma das formas mais perversas de violência estrutural. Ao mesmo tempo, reivindica o prazer, o gozo, a palavra e a existência sem culpa. Em Porca Gorda, o corpo não é símbolo nem metáfora: é território, é palco, é trincheira. Aqui, o corpo não pede licença — ele invade, sangra, goza, escreve e permanece.



JÉSSICA BALBINO
PORCA GORDA

JÉSSICA BALBINO

PORCA GORDA



Jéssica Balbino é jornalista com mais de 20 anos de carreira, atua como curadora, colunista e consultora de conteúdo. É mestre em Comunicação pela Unicamp e professora de bibliodiversidade no Centro Universitário Assunção (PUC), além de ministrar diversos cursos livres em diferentes contextos. Colunista do jornal Estado de Minas, escreve sobre literatura, corpo e dissidências.

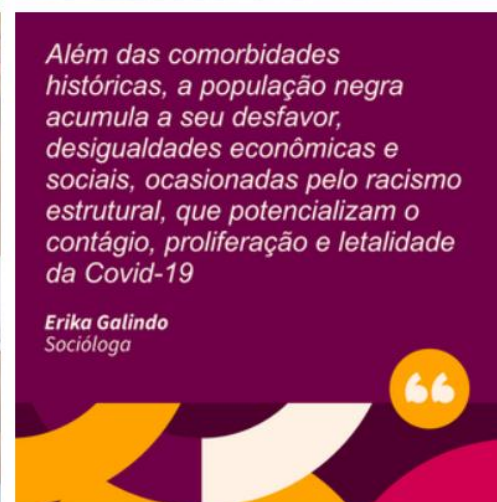
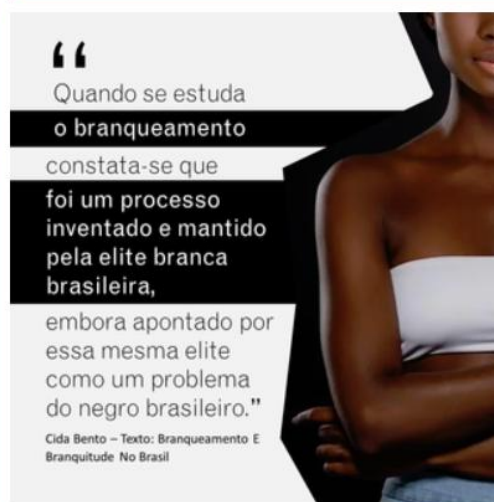
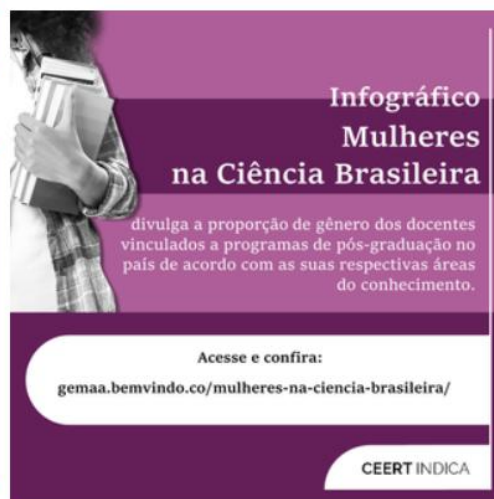
Autora do livro Gasolina e Fósforo (selo dobruro) e co-criadora do curso Insurgências Gordas, coordena e ministra oficinas, cursos e mediações literárias

Arte e Diagramação de Miolo e Capa de Livro

Cliente:
Barraco Editorial



Card para Redes Sociais



Ilustrações

Afrofuturistas

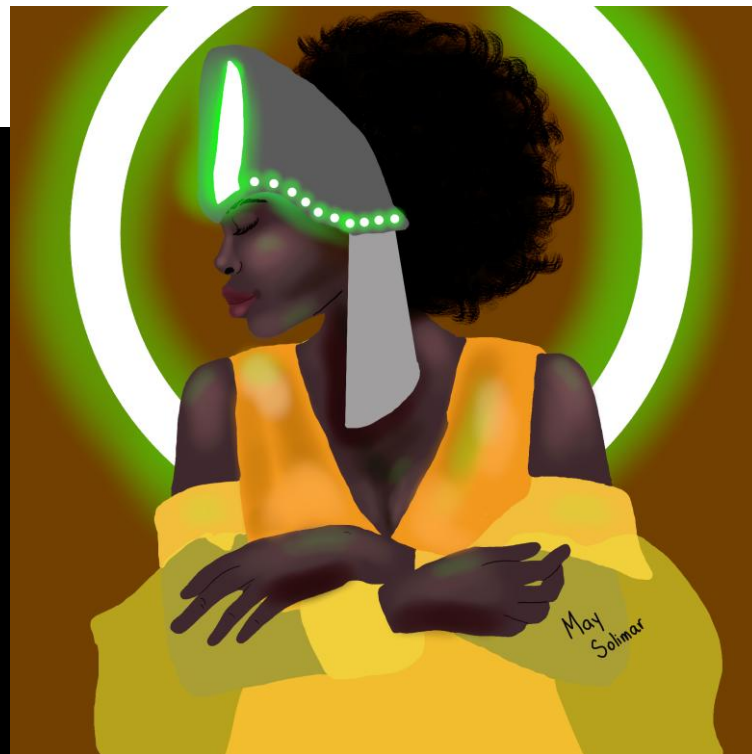
O futurismo está muito presente em histórias há muitos anos, porém sempre dando protagonismo somente a pessoas brancas. Isso quando não eliminam qualquer vestígio de um personagem negro das narrativas, dando a entender que em um futuro, talvez nem existamos, dizimados ou apagados do universo.

O afrofuturismo traz um caminho diferente, com ascensão e protagonismo de pessoas negras.

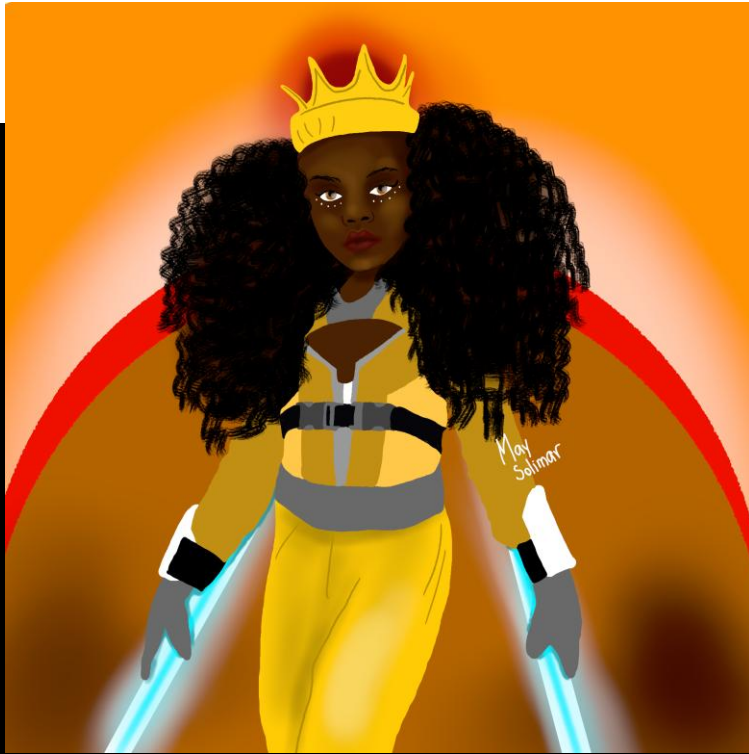
Gosto de trazer isso em minhas obras afrofuturistas: uma mistura de tecnologia e força.



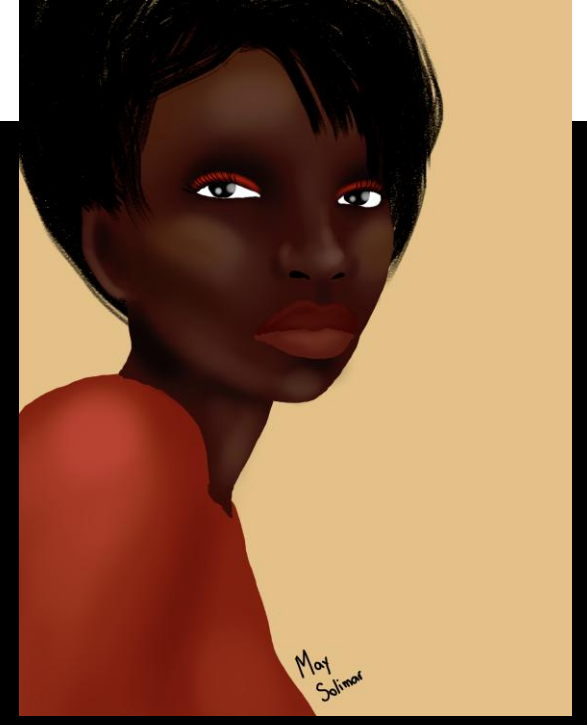
Ilustrações Afrofuturistas



Ilustrações Afrofuturistas



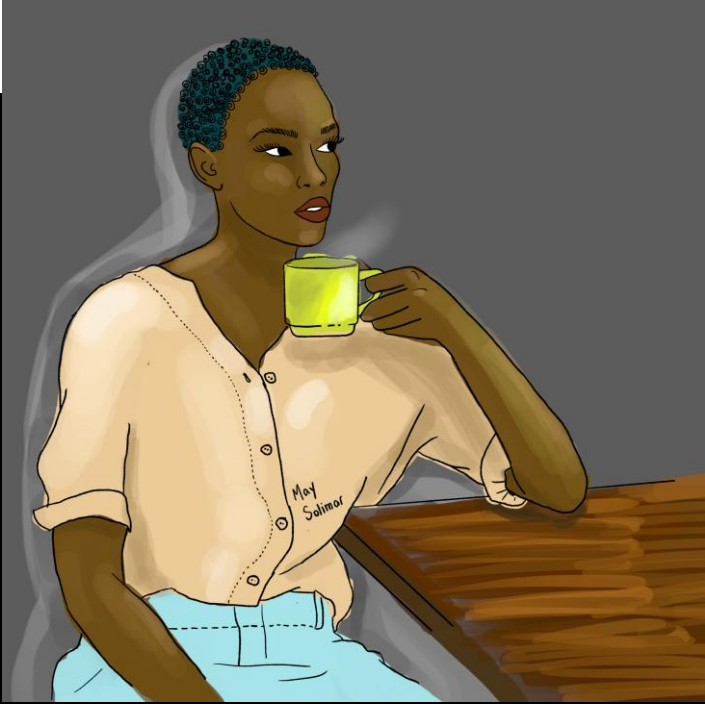
O u t r a s



O u t r a s



O u t r a s



O u t r a s



Na Mídia

Matérias e entrevistas:



DACOR

[Clique aqui para ler a matéria](#)



G20

[Clique aqui para ler a matéria](#)



Oxfam

[Clique aqui para ler a matéria](#)

Na Mídia

Matérias e entrevistas:



Once Noticias

[Clique aqui para assistir à matéria](#)



Folha de S. Paulo
[Clique aqui para Assistir](#)

Alguns clientes com quem já trabalhei:

F E ÷ R A
P R E T A

nós
mulheres
da periferia



MARCELO COLEN
ADVOGADOS ASSOCIADOS

DACOR
DADOS CONTRA O RACISMO



Para ver mais, acesse:

www.maysolimar.com.br

Contato:

maysolimar@gmail.com

Outros links:

Instagram - <https://www.instagram.com/may.solimar/>

LinkedIn - <https://www.linkedin.com/in/maysolimar/>

